

## RELEMBRANDO AMÉLIA RODRIGUES

Lícia Margarida Senna Borges  
de Barros  
Coordenadora do Programa de Bol  
sa/Pesquisa

Noêmia Falcão Braga, minha avó  
e madrinha: pesquisar este as  
sunto é tê-la mais perto de  
mim.

### RESUMO

Amélia Rodrigues foi, indubitavelmente, uma figura ex-  
onencial da literatura baiana dos fins do século passado,  
que merecia maior destaque. Desconhecida por muitos, sua obra  
é enriquecida pelas facetas diversas que vão se entrelaçar e  
conferir às produções uma força muito grande.

Seus poemas de cunho didático são realçados pela densa  
dramaturgia, suas peças de teatro têm o lirismo da poesia,  
sua prosa é um verso disfarçado. Em toda a sua produção há  
uma preocupação em formar o jovem, em transmitir noções de  
religiosidade. O presente ensaio é uma tentativa de fazer re-  
crudescer o interesse pela grande figura humana de Amélia Ro-  
drigues, sua obra, sua contribuição às Letras baianas.

Ao longo da minha infância e juventude a  
costumei-me a ouvir referências constantes e elogio  
sas a uma figura feminina que marcou de maneira pro-  
funda as lembranças de minha avó materna. Não era  
este ídolô outra pessoa senão Amélia Rodrigues, mis-  
to de professora e mãe. Não é sem motivo que sua ex-  
aluna, Sra. Carmosina Brito de Castro declara: "Seu

livro Mestra e Mãe se adapta a ela própria; sua grande qualidade era a energia misturada com bondade". Corrobora esta opinião a frase de Jaime Junqueira Ayres: "Mantinha-me quieto a autoridade serena que irradiava de toda a sua pessoa".

Vamos conhecer mais de perto esta mulher que exerceu influências indelévels na geração dos anos noventa do século passado e dos primeiros anos deste.

Lamento apenas que haja tão pequeno registro de quem tanto mereceu um maior destaque. A nossa cultura literária fica assim empobrecida, pelo esquecimento ou ignorância das qualidades essenciais da grande educadora, escritora e poetisa baiana. Desse modo permanece apenas na lembrança e admiração dos descendentes daqueles que a conheceram, como é o meu caso. E sinto saudades, e lamento não ter tido o privilégio de ser sua contemporânea. Através dos inúmeros recortes de jornal colecionados por minha avó, pude ver que, há vinte e quatro anos atrás, ao ensejo das comemorações do Centenário de Amélia Rodrigues, todos aqueles que se manifestaram por crônicas, editoriais, etc., clamaram pela difusão das suas obras, pela reedição e transmissão, aos jovens de então, dos princípios defendidos pela grande mestra. Pouco ou quase nada se fez. A pesquisa que empreendi para realizar este ensaio veio demonstrar a escassez de fontes relativas a tão vasta produção.

Numa tentativa de fazer recrudescer o interesse sobre esta figura marcante no tempo presente, vamos mergulhar no passado e trazer de volta um pouco desta vida-exemplo.

## 1 - AMÉLIA RODRIGUES: A MESTRA

Nasceu Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues no Arraial da Lapa, Oliveira dos Campinhos, Município de Santo Amaro da Purificação, a 26 de maio de 1861. Foram seus pais Félix Rodrigues e Maria Rachelina Rodrigues.

Seus cursos iniciais foram feitos com o Cônego Alexandrino do Prado, que se revelou excelente guia dos seus primeiros passos na vida intelectual, de tal modo que, aos doze anos de idade já de-  
Universitas. Cultura. Salvador(39): 35-54, jan./mar. 1987

monstrava Amélia sua inclinação para as Letras, evidenciando seu espírito "vivo e fulgurante".

Os estudos posteriores foram orientados pelos professores Antonio de Araujo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins de Almeida.

Seus primeiros versos, considerados ingênuos e muito sentimentais, típicos da adolescência, porque escritos aos doze anos, se perderam no tempo. Sem ter frequentado a Escola Normal, habilitou-se a concurso para professora. Com brilhantismo se houve e logo recebeu uma cadeira no próprio Arraial da Lapa, hoje município que leva seu nome, ensinando então no Colégio mantido pela Senhora Cândida Álvares dos Santos. Em 1883 submeteu-se a novo concurso, em Salvador, aprovada mais uma vez com notas excepcionais. O então Presidente da Província, Dr. Pedro Luiz Pereira da Souza, ficou admirado pelos raros conhecimentos de que era portadora e não lhe poupou elogios. Conseguiu, assim, a nomeação para exercer o magistério na sua terra natal. Já nessa época foi publicado o seu primeiro trabalho literário, o poema "Filenila", que contou com estímulo e revisão dos poetas Barão de Villa Viçosa e Dr. Antonio Joaquim de Passos.

Desde o primeiro emprego como mestra, na Lapa, até a cadeira pública em Santo Amaro, dedicou-se Amélia com o maior entusiasmo à formação dos jovens, "consagrando devotamento sem par, suas melhores energias vitais e intelectivas para honra do magistério bahiano".<sup>1</sup>

Em 1890 faleceu seu pai, Sr. Félix Rodrigues; este desaparecimento vem ocasionar uma mudança na inspiração de suas obras, que passam a ter cunho religioso, e o abandono de produções anteriores, que deixaram de ser revistas e publicadas.

Em 1891 foi transferida, por méritos, para Salvador, onde passou a reger a Escola do Distrito de Santo Antonio Além do Carmo. Durante o período em que esteve na regência de classes foi constantemente alvo de elogios, ofícios de louvor, não só da parte de autoridades ligadas ao ensino, mas, e sobretudo, oriundas da Superior Administração do Estado. O historiador Pedro Calmon assim expressou sua

admiração: "Pioneira dos institutos maternais, forte em pedagogia e em apostolado, isto é, mulher de talento e decisão, a sua história tem a harmonia das vidas inteiriças. Veio ao mundo para espalhar doutrinas amáveis: converteu-se numa professora de gerações; e levou ao teatro infantil, à literatura para mãos inocentes, ao jornal de suave propaganda, à tribuna escolar, a autoridade do seu verbo encharcado de virtude. Se fosse contemporânea das lutas de independência, seria uma promotora de revolução patriótica. Como surgiu numa fase pacata de placidez provinciana, contentou-se em ensinar à sociedade.

O seu ensino clareava-se de entusiasmo e beleza. Tinha sabedoria e ternura. Era o ensino da boa mestra que adivinhou todos os processos modernos de difusão da cultura".<sup>2</sup>

Lembro-me de ouvir minha avó contando como era dócil e exigente a um só tempo, como sabia ensinar a perfeita dicção, a pronúncia exata das palavras, a entonação que emprestava brilho às frases. Com que facilidade transmitia o francês e quão rápido aprendiam seus alunos. Quantas noções de etiqueta, de bom tom, de finura, sem jamais cair no exagero - o perfeito toque de classe.

Muitos anos dedicou-se Amélia Rodrigues ao magistério. Algum tempo mais tarde, bastante cansada, requereu e obteve aposentadoria. Mas, tão logo adquiriu mais saúde, as energias já revigoradas, novo apelo interior lhe fez voltar as vistas para o ensino. Enquanto estivera repousando, prestou muita colaboração à imprensa, escrevendo em prosa e verso, até que fundou seu próprio colégio, entre 1899 e 1900, na Baixa do Bomfim.

Era o Colégio Maria Auxiliadora, muito bem conceituado na Bahia, instituição mista e que recebia estudantes da Capital e do interior. Foram alunos deste estabelecimento, por exemplo, Isaías e Jayme Alves de Almeida, filhos de Dr. Junqueira Ayres, e Adriano dos Reis Gordilho.

Mais tarde transferiu a Escola para a Cidade Alta, no Caquende, em Nazaré, que foi depois demolida para permitir o alargamento da Avenida Joa

na Angélica.

Em 1911, lamentavelmente, esse colégio foi dissolvido, em virtude do falecimento da Senhora Maria Rachelina, sua progenitora. Amélia passou então a residir na Ordem Terceira de São Francisco, como pensionista do Desterro, até 1912. No ano seguinte foi tirá-la do recolhimento uma Comissão da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, para que ela assumisse a direção do Asilo dos Expostos, acé fala pela retirada das Irmãs de Caridade da direção. Dedicou-se integralmente aos afazeres dessa nova missão, chegando ao ponto, inclusive, de pintar o palco do Internato. (Ressalte-se que contava na época 52 anos de idade!). Permaneceu nesta função até 1924, quando viajou para o Rio de Janeiro, a fim de dirigir o Centro da Boa Imprensa. A conselho médico retornou à Bahia em fins de 1925. Seu repouso foi interrompido por Dr. Augusto, do Congresso das Vocações Sacerdotais, que lhe solicitara proferir uma palestra. Efetivamente preparou-a, mas não a pôde realizar, pois que a morte arrebatou-a de nós a 22 de agosto de 1926, quando tinha 65 anos e vivia pobre, no Tororó, rua do Futuro.

E isso me faz ligar dois fatos:

- 1º - Nasceu em Santo Amaro da Purificação - O nome evoca pureza, religiosidade - traços notáveis da personalidade de Amélia Ródrigues. Conforme depoimento da Professora Anfrísia Santiago, "a principal característica do seu caráter foi sua qualidade de escritora católica, de propagadora fervorosa do Cristianismo." E isto está evidenciado na sua obra, como veremos adiante, e primordialmente no seu "modus vivendi". Sabe-se que excediam em sua pessoa as virtudes da bondade, do amor ao próximo, do despego às coisas materiais. Recordo-me de ter ouvido de minha madrinha que não havia distinção no tratamento dedicado por D. Amé

lia, fosse às crianças ricas, filhas de pais abastados, ou às que não podiam pagar as mensalidades da escola.

Pessoa pobre, de vida modesta, em pregava seus fartos dotes intelec-tuais à causa das obras meritórias, jamais se negando a coope-rar, gratuitamente, com institui-ções de caridade ou culturais que lhe solicitavam colaboração. A eles sempre estendeu as mãos, prestan-do não auxílio financeiro, mas doando de si, "do tesouro da sua inteligência e da grandeza do seu coração".<sup>3</sup>

2º - Faleceu na Rua do Futuro - Sem dúvida alguma, essa mulher admirá-vel viveu com o pensamento volta-do para muito adiante, com visões avançadas dos problemas sociais. Foi, indubitavelmente, possuidora de invulgar talento e clarividên-cia.

Quem diria que, em 1910, alguém já exortaria as mulheres, através da 1ª revista feminina da Bahia, "A Paladina", a lutar pelos direitos!? Estaria aí o prenúncio do movimento feminista no seu aspecto salutar? O primeiro número dessa revista começou com o seu ar-tigo: "Surge, qui dormis", e diz, a certa altura: "Elas (senhoras) se agitam agora enfim!... e resolvem por-se à testa de um movimento novo, salutar, pacífico - o primei-ro desta natureza que o sexo frágil e delicado ousa empreender de público entre nós de viseira er-guida, sem temor de impecilho algum".<sup>4</sup> Em 27 de outubro de 1921, na Associação dos Empregados no

Comércio, sob o título "O Feminismo e o Lar", pronunciou uma conferência cuja atualidade persiste e é impressionante. Alertava a mulher bahiana contra os perigos do mal e o retratava como "uma forma impalpável, um novello de treva, que estende por toda a parte garras letaes, ora em lâmina cortante, ora em teias subtis ... Todo esse architetar de imagens vem para recordar, senhoras, que, em última analyse, no campo de batalha do mundo só existem dois exércitos a enfrentar-se: o dos que seguem as inspirações e defendem os direitos do Bem e o dos que seguem as inspirações e semeam a desgraça do mal. Todos nós temos que optar por um dos dois e combater pelo seu respectivo ideal. Neutralidade em face deles não há. O que há, em barda, é gente fraca, indecisa, dobradiça, que ora se bandeia para um ora para outro; gente que não escolhe bandeira e só visa o sôlido e os galões do momento; gente que não sabe ou não quer saber onde está a verdade, e não se dá ao incomodo de procurarl-a".<sup>5</sup>

Vinté anos depois, em 6 de agosto de 1941, a este respeito disse Carlos Chiacchio: "Paladina do ideal pelas melhorias humanas. Humanista por índole, por educação, por antevisionismo político, aos movimentos espirituais da época sempre emprestou o seu concurso, a sua força, o desassombramento".<sup>6</sup>

E vem confirmar essa assertiva o eminente historiador Pedro Calmon: "Foi uma professora - das maiores do seu tempo e uma idealista - das

melhores de sua época. É meritório que a celebrem os núcleos femininos de inteligência atuante. Amélia Rodrigues honra a consciência da sua raça, o espírito vigilante e combativo da mulher moderna".<sup>7</sup> Como disse Carlota Xavier: "ela tornou bem nítido, aos olhos da intelectualidade da época, o valor da mulher", numa atitude tipicamente precursora.

## 2 - A OBRA FECUNDA

Amélia Rodrigues nos legou uma vasta produção, mas infelizmente a tiragem reduzida a torna quase inacessível na sua totalidade. Seria imperioso buscar a recuperação dessas obras através de parentes distantes. Sabe-se que muitos inéditos foram perdidos.

Ainda assim pode-se fazer um balanço desta produção exemplar, que se reparte em contos, poesias, romances, comédias e dramas.

Em 1866 escreveu artigos e versos sobre abolicionismo. Dentre estes últimos destacamos dois sonetos, compostos em verso decassílabo, de rima perfeita e enlaçada, que transcrevemos agora:

### VERSO E REVERSO

"Faz anos hoje a filha do Senhor;  
Tudo é prazer nas salas do sobrado,  
Das janelas través do cortinado,  
Sai, em jorros a luz, passa o calor.

Rescende, fóra, do banquete o odor;  
Sôa em trilos o piano bem tocado,  
E os gorgelios de um canto apaixonado  
De rouxinol, nos lábios de uma flôr.

Mas, enquanto lá dentro, a festa, a dança,  
Brindez, discursos, riso, intemperança,  
Misturam-se ao fragor de "hurrahs" e bravos,

Do engenho em negro e imundo calabouço,  
Presos num tronco vil pelo pescoço,  
Gemem, tintos de sangue, alguns escravos...

### AINDA NÃO

"Outrora, quando a pátria se estorcia  
Nos ferros da metrópole humilhantes,  
Um grupo, de homens não, mas de gigantes,  
Ergueu-se p'ra comprar-lhe a autonomia.

E o sangue que nos campos escorria,  
E dos canhões as bocas retumbantes  
Aos europeus disseram, triunfantes,  
Que a liberdade no Brasil nascia...

Porém uns brasileiros desgraçados  
Ao poste das misérias amarrados,  
sucumbindo ao horror da escravidão,

Quando os heróis de júbilo exultaram.  
Num estertor de angústias exclamaram  
Do fundo dos engenhos: Ainda não!"



No dizer de Aristóteles Gomes estas composições demonstram "seu apaixonado interesse pela causa da abolição, através de uma expressão social e filosófica admirável, capaz de produzir mais efeitos psicológicos do que outras palavras veementes, ameaças e impróprios".

Neles encontramos muito das concepções de Castro Alves. Embora sejam poemas didáticos, neles "o épico, o lírico, o dramático se dão as mãos, num laço forte de unidade; todo esse conjunto harmonioso, realça-o a autora, com as joias preciosas de um estilo elegantíssimo, de uma vernaculidade impecável, de uma versificação ao mesmo tempo esmerada e desprezenciosa".<sup>8</sup>

Em 1888 escreveu muitas poesias, que foram publicadas em jornais: Em Romance surgiu "O Ma meluco", divulgado em folhetim, no "ECHO Sant'Amarense". Nesta mesma época, com a idade de 27 anos, teve encenado em Santo Amaro o seu drama "Fausta", em 4 atos, no Teatro da Cidade, com enorme audiência. Delirantemente aplaudida, a autora foi chamada ao palco e homenageada com flores. Sua volta à casa se deu nos braços da população, ao som de marchas triunfais.

Em 1890, com a morte do pai, tomou sua produção um outro rumo - tendeu para a inspiração religiosa e deixou de lado muitas criações, ainda desconhecidas, que assim se perderam. Passou a prestar colaboração aos jornais católicos como "Leituras Religiosas", "Cidade do Salvador" e "Estudante Católico", todos periódicos de Salvador. Para o primeiro deles escreveu as "Cartas a uma amiga" sob o pseudônimo de Dinorah; estas missivas foram reunidas posteriormente em Livro. Ainda colaborou com os artigos humorísticos "Entre Rosas", com o pseudônimo de "Borboleta", para a "Cidade do Salvador", para onde também redigiu a seção em verso "A Musa Alegre", escondida atrás de "Zé d'Alleluia", logo interrompida. Finalmente, sua contribuição para o "Estandarte Católico" foi feita através de "Marfisa", com a prosa "Os Aljôfares".

Foram romances seus:

"Um casamento segundo novos moldes", 'A

Promessa" - coletânea de contos que foi traduzida para o alemão.

Em 1898 publicou seu primeiro livro didático, Mestra e Mãe, francamente elogiado por Ruy Barbosa, em suas colunas de "A Imprensa", do Rio de Janeiro. Trata-se de um compêndio de Educação Moral e Cívica. Evidencia-se neste trabalho, como nos demais, a preocupação em educar, despertar a consciência cívica de crianças e adultos. Com 318 páginas, foi esta obra considerada excelente pelo poeta Múcio Teixeira, nas colunas da Revista da Garantia Amazônica (1899 - ano I nº 1), onde, sob o pseudônimo de Montalvo, escreveu - "Não conhecemos obra, elaborada para a leitura de crianças, que deixe mais agradável e duradoura impressão, a não ser o prodigioso livro "Coração" de Edmundo de Amicis, que é um verdadeiro poema em prosa. Mas Mestra e Mãe, produto do nosso duplo meio psíquico e social, torna-se, por isto, preferível, quanto à adoção em nossas escolas".<sup>9</sup>

Pena que esta sugestão não tenha sido seguida, embora o Conselho Superior de Instrução Pública da Bahia a tenha unanimemente aprovado. Enquanto é um livro raro, o seu parâmetro italiano tem dezenas de versões estrangeiras.

Em 23 de dezembro de 1899 foi encenada sua peça teatral "A Natividade", no Politeama, musicada pelo Maestro Remígio Domenechchi; também colaborou nos cenários e argumento o pintor Manoel Lopes Rodrigues para o que foi um grande êxito; esta peça sacra baseou-se na História Sagrada.

Para o Teatro a contribuição de Amélia Rodrigues foi muito vasta - diálogos, monólogos, dramas e comédias. Como exemplos citemos: "O Filho Adotivo" em 3 atos (inédito), Farsa, representado na Bahia e noutros estados, e publicado em revista do Rio de Janeiro.

Estes escritos foram muito utilizados para angariar fundos para a construção do Colégio dos Salesianos. É quando chegamos às poesias, onde mais se evidenciou a verve sublime, a sua virtuosidade. Os originais do seu livro de poemas Bem-me queres (1906) foram também oferecidos aos Salesianos, que os venderam em prol da construção da sede escolar.

São poemas famosos: Sonho de Gutenberg, O Leproso, Minha Pátria, Ao Dois de Julho, A Abadessa da Lapa, entre outros, que refletem seu nativismo, a exaltação às coisas pátrias.

Sua obra principal neste gênero é considerada por muitos como sendo Flores da Bíblia, desta, deixou apenas publicado o 1º volume; após sua morte foi completada com o prefácio do Padre Luiz Gonzaga Cabral, e graças também aos esforços do Frei Pedro Sinzig.

Seus poemas mereceram de Carlos Chiachio a seguinte expressão: "A beleza lhe estava no sangue das idéias".<sup>10</sup>

Já o escritor Afonso Costa em "Poetas do outro sexo" quis lhe empanar o brilho, ao afirmar que o caráter essencialmente religioso das poesias prejudicou a poetisa e que "a crença a imolou". Mas o prefaciador da obra "Flores da Bíblia" já havia esclarecido que este era um preconceito "anti-católico" e, segundo D. Martins de Oliveira, oriundo da "onda materializadora que o pensamento trouxe no seu rumor dialético e a terrível mentira de que as idéias cristãs embotam e crestam o talento".<sup>11</sup> Os versos desta coletânea demonstram o mesmo vigor e profundidade das concepções de Castro Alves; os rigores retóricos e formais muito têm a ver com Guerra Junqueiro e Júlio Dantas e primam pelo estilo elegante e impecável vernaculidade.

Contudo, foi talvez Afonso Costa a única voz a se erguer contra a poetisa. Todos os demais críticos lhe foram favoráveis, e, particularmente, acredito que o poema Metamorphoses, por si só, responde e afasta qualquer dúvida.

#### METAMORPHOSES

(A um nável cientista)

Has de morrer, amigo. É lei da natureza  
O universo não é mais que uma lauta mesa  
Que a vida põe à Morte, ou é uma retorta,  
(Como se diz agora ahi em qualquer porta  
De escola). Tudo morre...ou tudo se transforma,  
Eis o caso. Também, seguindo a grande norma

Traçada a tôda gente, has de mudar-te um dia  
 Em trêvo, ou cogumelo, ou mesmo...(que honraria!)  
 Em cacho d'uvas! e ... quem sabe? hão de gostar  
 De ti, feito salada ou pão n'algum jantar.

Há, porém, qualquer cousa em teu gentil pedaço  
 De matéria que indaga - Acabou o embaraço  
 Se chegares a ser uma rosa bonita,  
 Um ramo de amoreira e, afinal, uma fita?  
 De modo algum.... Espera. aquieta a effervescencia  
 Da mocidade e olha ao fundo da consciencia  
 Olha!... porque tens medo? és acaso cobarde?  
 Olha agora; depois... talvez já seja tarde!

Olha, e responde. Estás mathematicamente  
 Certo de que não há mais nada, realmente,  
 Que viva, que perdure além do cogumelo,  
 Da fôlha ou do farrapo? Esse fructo amarêllo  
 Que comes, pensará como tu'stás pensando?  
 Não!... Comtudo talvez fosse cerebro, quando  
 Era parte de alguém, se foi. Que fim levou  
 Então aquelle ser que elle outr'ora encerrou?  
 Aquelle ser melhor, mais perfeito e mais nobre  
 De quantos, céos abaixo, o nosso olhar descobre?  
 Aquelle ser consciente e bom, que recebeu  
 O dom de contemplar-se e responder: Sou eu,  
 Eu, Fulano de tal, velho, moço ou menino,  
 (Coisa que não fará o macaco mais fino!)  
 Que fim levou, então?... Voltaria p'ra o nada,  
 Como o aroma subtil de uma flor esmagada?  
 Não!... por maior que seja o mysterio em que entrou,  
 Não pôdes garantir que elle se aniquilou,  
 Que cessou de existir. Dessa operação nova  
 Tu não tens, nem terás nunca, a mais leve prova!

\* \* \*

Préga-te isso a Razão, se imparcial a escutas!  
 Ella affirma, ella diz que após a vida e as luctas,  
 Após a morte e o pó, a flor e a gramma verde,  
 - Visto que da materia um só grão não se perde  
 Existimos ainda!... existimos comtudo!...  
 E tu crês. Sim; tu crês. Como estylête agudo  
 Que te varasse a carne, essa crença traspassa

A tua consciência, e até mesmo embaraça,  
 Quem sabe... alguma vez

A criminosa acção que ias fazer talvez  
 Co'a força de um instinto, essa crença te leva  
 A desejar a luz, quando te opprime a treva!  
 A desejar o bem, quando o mal vês em ti,  
 - Luz e bem que jamais se acabem, como aqui!

A deshoras, a sós contigo, ella murmura  
 Phrases de paz; aclara a tua noite escura;  
 Enche teu coração de esperanças supremas  
 E te consola, até nas dores mais extremas!  
 E tu dormes feliz, co'o sentimento fundo  
 De que há um Deus que emenda os erros deste mundo!

No entanto, horas depois, risonho, motejante,  
 Forte por um instante,  
 Insultas esse Deus, cujo abraço clemente  
 Todo o teu ser reclama imperiosamente.  
 Dessas contradições  
 Quasi sempre, bem sei! têm a culpa as paixões!!!...

Mas reflecte. Sem Deus, que será de ti, verme,  
 Na engrenagem da dor caracolando inerte,  
 Sem saber se amanhã teu sangue fará lama,  
 E se o raio de sol, que hoje os nervos te inflamma,  
 Vae abrir-te amanhã uma imprevisita cova?  
 Vamos!...•deixa de lado a mentirosa trova  
 De cegos a cantar de um precipício à beira!

Reflecte que se a poeira  
 Do teu corpo perdura, e n'outro ser se torna,  
 Como ha de aniquilar-se a alma livre que a orna  
 De talento e ambições ou de amor impolluto,  
 - Qualidades e dons que te extremam do bruto?  
 Não tens visto no campo uma lagarta preta  
 Do casulo sahir, mudada em borboleta?  
 Pois assim do seu corpo, - um casulo tambem,  
 A alma, um dia, voará para o eterno além.

\* \* \*

Vamos! não tenhas medo ao mundano escarcêo,  
 Se norteias o olhar para as bandas do céu.  
 Que te dará o mundo à hora derradeira?

Mesmo a sciencia, a tua amada companheira,  
 O dinheiro, a grandeza, a arte, o amor, a glória.  
 - Ainda que o teu nome escreva em oiro a Historia,  
 Que conforto darão ao teu final gemido?...  
 Nenhum!... bem sabes disso!... O teu filho querido  
 A esposa, a irmã, ninguem te poderá livrar  
 Daquelle passo atroz; só poderão chorar!  
 E has de comparecer ao Tribunal divino,  
 Para que Deus te aponte o ultimo destino.

Coragem, pois! coragem!  
 Pede á Fé e á Esperança o bordão p'ra a viagem!  
 Tudo com Deus é vida e pr'a a Vida se volve,  
 Tudo é morte, sem Deus  
 Pensa nisso e ... resolve.

Como se isso não bastasse, acrescenta-  
 mos uma opinião de Carlos Chiachio - "é preciso an-  
 tes de tudo fixar a curva evolucional desta vida pro  
 fundamente determinada pela beleza".<sup>12</sup>

A infância mereceu especial atenção de  
 Amélia Rodrigues, como mestra devotada que foi. Para  
 as crianças escreveu:

A Madrasta, comédia, em 1902; O Bilhete  
 de Loteria, diálogo; Marieta das Flores, drama; Bor-  
 boleta e Abelha, drama de 1920; Teatro Infantil, 1922.

Para jovens e adultos - Progresso Femini-  
 no, comédia de 1924; Uma flor do desterro, biogra-  
 fia de Madre Vitória da Encarnação, de 1924; Noção  
 da Vocação Sacerdotal, Tese, em 1926; Do meu archi-  
 vo, contos, contos e fantasias, 1919; Flores Recrea-  
 tivas, Contos Avulsos, Rosas do Lar, O Bufarinho, O Filho  
 do Homem (traduzido do alemão, original de Ana Baro-  
 nesa Von Krane) e outros trabalhos impressos pelas  
 Oficinas Salesianas ou publicados no Mensageiro da  
 Fé.

### 3 - CONTRIBUIÇÃO À IMPRENSA E ÀS OBRAS FILANTRÓPICAS

Em 4 de agosto de 1907 Amélia Rodrigues  
 fundou a Associação das Damas de Maria Auxiliadora.  
 O discurso inaugural foi impresso pela Typographia  
 Salesiana.

Em 1910, com Maria Elisa Valente Moniz de Aragão e Maria Luiza de Souza Alves, criou a primeira revista feminina da Bahia, intitulada "Paladina". Neste mesmo ano inaugurou a "Liga Católica das Senhoras Bahianas", sendo sua primeira presidente. Em 1912 deixou a "Paladina" e fundou "A Voz", órgão oficial da Liga, que circulou até 1920, em quase todo o Brasil.

Colaborou ainda nas revistas bahianas - "O Pantheón", "O Álbum", "A Renascença", "O Livro", "Leituras Religiosas", "Cidade do Salvador", "Estandarte Católico" e "Mensageiro da Fé", de onde a seção Cenas e Palestra, sob o pseudônimo de Juca Fidelis. Também participou de "Vozes de Petrópolis", "Luz de Maria", "A União" e "Pequena Semente".

Conferências, realizou-as muitas, demonstrando erudição e doutrina segura. Delas sobressaem "O Carnaval", em 28 de março de 1915, e a que tratava da "Obra Social Feminina".

Diversas Associações Religiosas contaram com sua ajuda, para ser fundadas: Oblata de São Bento, Ordem Terceira de São Francisco e Dama de Caridade da Providência, todas voltadas para fins beneficentes.

A palestra "A Vocação", que havia escrito e não pôde pronunciar, porque adoeceu subitamente e veio a falecer, está transcrita no número 2 da Revista Legionários das Missões, das páginas 73 a 76. A Direção da revista, nesta oportunidade, mencionava: "desapareceu com ella um refulgente florão, engastado por Deus no diadema da Religião e das lettras pátrias".

Seu ossuário está no Santuário do Liceu Salesiano. A Revista Excelsior declarou, em 1942, que uma das Ruas novas da Vila Florã, na Graça, recebeu o nome de Amélia Rodrigues, conservado até hoje.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste bosquejo compreendido sobre a obra de Amélia Rodrigues chamou-me a atenção sobretudo a figura humana soberba da escritora, teatróloga, poetisa e mestra, cujo "cofre opulento da inteligência

não se fechava a ninguém".<sup>13</sup>

E tanto isso era verdade que ela própria disse, em "A Fé", conferência cuja data não está registrada, mas que foi publicada na Revista América, em setembro de 1912;

"Desgraçado mil vezes o homem que não sente dentro de si os impulsos da energia divina. O homem que não enxerga Deus através das maravilhas do universo, ou, enxergando-o, faz que não o vê, ou, reconhecendo-o, cuida que não tem obrigação de o amar....

Feliz, ao contrário, aquelle que se acolhe à sombra deste refúgio, contra a insolação das paixões, aquelle que vislumbra essa estrella na noite dos seus desenganos... enquanto espera a paz e o amor sem fim, no seio da eternidade luminosa."

Reafirmando esta postura ela acrescenta, no Discurso Inaugural das Damas de Maria Auxiliadora, ao citar Stahl: "Ne restez jamais au pied de la montagne, c'est d'en haut qu'on voit clair, c'est d'en haut qu'on respire".<sup>14</sup>

E incitava a mulher a não se restringir à sua condição de mãe reclusa do lar: "Não deve ficar limitada ao estreito círculo da família a acção benéfica da mulher católica"<sup>15</sup> citando a condessa de San Marco, de Turim. Sua anuência vinha ao dizer - "é preciso olhar para mais longe e rasgar ao sol do amor horizontes mais largos, protegendo obras preventivas da futura miséria, obras de educação e formação de indivíduos úteis a si e à pátria".<sup>16</sup>

Mas a figura firme e serena que a caracterizava escondia momentos de sofrimento, de tristeza, confirmados na poesia Único Alívio:

Sou triste como a rôlinha  
que num ramo, isoladinha,  
vive escondida a gemer,  
ou triste como a saudade  
vae murchando até ... morrer.



Mas seus momentos de desalento eram pasageiros e logo voltava à cena a figura combativa, forte e profundamente religiosa. Tanto que Marieta Alves, sua forte defensora dos ataques acirrados do escritor Afonso Costa quanto ao excesso de religiosidade, dirigiu-se a este último, afirmando: "O homem que olha somente para baixo, de homem tem apenas a figura. Um ser tão pobremente dotado de espiritualidade por certo não compreenderá que haja alguém capaz de pairar acima da matéria".<sup>17</sup>

Pena que nos aproximemos um pouco deste crítico, não por nos colocarmos contra a valiosa produção de Amélia Rodrigues, mas por nos omitirmos, deixarmos de conceder a esta maravilhosa mulher o seu real lugar no cenário literário bahiano e brasileiro, como bem o desejou a Professora Jêsse Damásio de Paula, que foi diretora da Escola Amélia Rodrigues, ao considerá-la a "Gabriela Mistral brasileira".

Contudo, como nas sagradas escrituras, a despeito da sua "desmedida modéstia de violeta-humana"<sup>18</sup> sua luz de tempos em tempos voltará a brilhar. Assim como eu senti a necessidade de me deslocar até aquela época, muitas outras pessoas certamente o farão. E o devem fazer, sem dúvida! Com que emoção manuseei, na Biblioteca do Instituto Feminino da Bahia diversas publicações de periódicos e até mesmo os originais de alguns escritos! Documentos manuscritos, com correções, com adendos! Foi uma experiência indescritível, que me fez sentir mais rica, infinitamente privilegiada por poder tocar naquelas relíquias, que fazem parte do arquivo de D. Marieta Alves.

Desta última a expressão: "A inteligência, dom de Deus, é como uma candeia, que não se acende para colocar debaixo de um móvel. Sua missão é luzir".<sup>19</sup>

Ao longo dos tempos haverá sempre um faço de luz trazendo à baila o nome de quem "marcou a sua passagem pela terra dizendo com vigor a palavra fértil, espalhando pelas estradas as flores do seu gênio sem pedir os prêmios do Estado nem reques

tar o favor das multidões, desinteressada e simples, como uma serva de Deus".<sup>20</sup>

Não precisou nunca de lauréis realmente, sua vida em si já foi um prêmio. Como disse Keats - "A thing of beauty is a joy forever".

#### NOTAS

- 1 Boccanera Jr., p.157
- 2 Calmon, A grande mestra
- 3 Alves, Amélia Rodrigues, p. 132
- 4 Ibid., p.131
- 5 Rodrigues apud Alves, Amélia Rodrigues novamente
- 6 A Tarde, Salvador, 27/28 maio 1961. No seu Editorial, A Tarde cita opiniões do eminente crítico em artigo publicado nesse mesmo periódico a 6 de agosto de 1941
- 7 Calmon, op. cit.
- 8 Cabral, Luiz Gonzaga, Pe. apud Paula
- 9 Teixeira, Múcio apud Boccanera Jr., op.cit.
- 10 A Tarde, op.cit., nota 6
- 11 Cabral, op.cit., nota 8
- 12 A Tarde, op.cit., nota 6
- 13 Bethania, p.39
- 14 Rodrigues, Discurso inaugural..., p.22
- 15 Ibid., p.18
- 16 Loc.cit.
- 17 Alves apud Boccanera Jr., op.cit., p.157
- 18 Paula, J.D.de
- 19 Alves, op.cit., nota 5
- 20 Calmon, op.cit.,

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Marieta. Amélia Rodrigues. In: \_\_\_\_\_. Intelectuais e escritores baia-Universitas. Cultura. Salvador(39): 35-54, jan./mar. 1987

- nos. Salvador, Fundação Museu da Cidade do Salvador, 1977.p.131-2.
- \_\_\_\_\_. Amélia Rodrigues novamente. A Tarde, Salvador, 28 maio 1961.
- CASTOS, José. Amélia Rodrigues novamente. A Tarde, Salvador, 3 ago. 1960.
- BETHANIA, Maria de. Crônicas da Bahia. Excelsior, Salvador, 7(76):255, abr. 1934.
- \_\_\_\_\_. Preparando um centenário. América, Salvador, 4(16):39-42, set. 1942.
- BOCCANERA JR, Sílio. Autores e actores: Theatro Nacional. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1923. p.154-60.
- CALNON, Pedro. A grande Mestra. A Tarde, 26 maio 1961.
- \_\_\_\_\_. História da Literatura baiana. São Paulo, José Olympio, 1949. 251p.
- GOMES, Aristóteles. Amélia Rodrigues. A Tarde, Salvador, 5 abr. 1957. Caleidoscópio.
- MUNIZ, Maria. Urgente a revisão da obra de Amélia Rodrigues. A Tarde, Salvador, 25 maio 1961. 7 dias do livro.
- PAULA, Jéssé Damásio de. Gabriela Mistral Brasileira. A Tarde, Salvador, 2 maio 1957. Literatura.
- RODRIGUES, Amélia. Ben-me-queres. Bahia, Salesiano, 1906.
- \_\_\_\_\_. Caridade. Revista Santa Cruz, 25 (6):257, Salvador, s.d.
- \_\_\_\_\_. Discurso inaugural da Associação das Damas de Maria Auxiliadora. Bahiographia Salesiana, 1907.
- \_\_\_\_\_. A minha Pátria. O Nordeste, Salvador, 29 jun.1924. A intellectualidade catholica brasileira.
- \_\_\_\_\_. Do meu arquivo, 2. ed. Bahia, Escola Typographica Salesiana, 1912.279p.
- \_\_\_\_\_. Aos pés de Nossa Senhora. A Voz, Salvador, maio 1917.
- SANTIAGO, Anfrísia. Amélia Rodrigues como a conheci. A Tarde, 28 maio 1961.
- XAVIER, Carlota. Amélia Rodrigues centenária! A Tarde, Salvador, 27 maio 1961. 7 dias de música.

## SUMMARY

Amélia Rodrigues was, undoubtedly, an exponential figure of the literature of Bahia in the last years of the past century, who deserved a higher notability. Unknown by many, her work is enriched by varied features which mix very thoroughly and give to the productions a great force.

Universitas. Cultura. Salvador(39): 35-54, jan./mar. 1987

Her poems have a didactic character and are reinforced by the strength of dramaturgy; her plays have the lyricism of poetry; her prose is a veiled poem. Through the whole work we notice an intention of giving the youth notions of religion and of moral formation.

The present essay is an attempt of renewing the interest concerning the great human figure of Amélia Rodrigues, her opus and her contribution to the Letters of the State of Bahia.